

CENTRO UNIVERSITÁRIO ÍTALO BRASILEIRO

CURSO DE LETRAS

CAROLINA MARIE GARCIA

**O USO DAS PALAVRAS ESTRANGEIRAS: VÍCIO DE
LINGUAGEM OU REQUINTE DA EXPRESSÃO
LINGUÍSTICA?**

SÃO PAULO

2022

Carolina M. GARCIA

O USO DAS PALAVRAS ESTRANGEIRAS: VÍCIO DE LINGUAGEM OU REQUINTE DA EXPRESSÃO LINGUÍSTICA?

Trabalho apresentado para avaliação do rendimento do Curso de Letras da Área de Linguística do Centro Universitário Ítalo Brasileiro sob a orientação da professora Dra. Cátia Rodrigues.

SÃO PAULO

2022

RESUMO

Este artigo tem por objetivo discutir possibilidades metodológicas a partir de uma análise textual, para levantar a hipótese do bom emprego das palavras estrangeiras dentro do contexto da língua portuguesa, como auxiliar que promove a clareza e a pulcritude das ideias que se deseja comunicar. Inicia-se considerando a definição de vício de linguagem, seu sentido etimológico e sua função linguística, e a classificação dos estrangeirismos dentro dos vícios de linguagem. Tratar-se-á das subdivisões que se ramificam do tema estrangeirismos, incluindo a inserção dos empréstimos lexicais, as transformações que sofrem as palavras para adequá-las à estrutura da língua portuguesa e exemplos das diferenças dentro da mesma categoria. Tal demonstração será a base para a hipótese de que a necessidade dos termos extrafronteiras legitima o uso dos mesmos para fins objetivos que aspiram à perfeição de expressão, saindo do contexto vício de linguagem e incorporando-a à prática inovadora e requintada da comunicação. E uma vez fora da categoria “vício”, os estrangeirismos podem enriquecer a elocução, sem restrições que os vernáculos impõem. As palavras do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, dentro de seus artigos e conferências, fogem dos preconceitos que atingem os estrangeirismos, pois este autor utiliza-os de uma maneira excepcional para nossos dias, como este artigo pretende demonstrar.

Palavras-chave: Estrangeirismo, empréstimo lexical; significado; comunicação; singularidade dos idiomas

ABSTRACT

This article aims to discuss methodological possibilities from a textual analysis, to raise the hypothesis of the good use of foreign words within the context of the Portuguese language, as an aid that promotes the clarity and pulchritude of the ideas that one wants to communicate. It begins by considering the definition of language vice, its etymological meaning and linguistic function, and the classification of foreign words within language vices. It will deal with the subdivisions that branch out from the foreignisms theme, including the insertion of lexical borrowings (loanwords), the transformations that the words undergo to adapt them to the Portuguese language's structure, giving examples of the differences within the same category. This demonstration will be the basis for the hypothesis that the need for extra-border terms legitimizes their use for objective purposes that aspire to perfection of expression, leaving the context of language vice and incorporating it into the innovative and refined practice of communication. And once outside the "vice" category, foreign words can enrich elocution, without restrictions that the vernaculars impose. The words of Prof. Plinio Corrêa de Oliveira, in his articles and conferences, lacks the prejudices that affect foreignism, for this author uses them in an exceptional way for our days, as this article intends to demonstrate.

Keywords: Foreign words, loanwords, meanings; communication; uniqueness of languages

SUMÁRIO

RESUMO.....	3
ABSTRACT.....	4
SUMÁRIO	5
INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1	8
OS VÍCIOS DE LINGUAGEM	8
1.1. DEFINIÇÃO.....	8
1.2. ESTRANGEIRISMOS	9
CAPÍTULO 2	12
O RECURSO DE PALAVRAS ESTRANGEIRAS ENQUANTO NECESSIDADE PARA ELOCUÇÃO, ENCONTRADO NOS PROLÓQUIOS DE DR. PLINIO CORRÊA DE OLIVEIRA.....	12
2.1. O ESTRANGEIRISMO RESSALTA SIGNIFICADOS METAFÓRICOS DA LINGUAGEM..	12
2.2. A INTEGRIDADE DOS SIGNIFICADOS DENTRO DAS SINGULARIDADES LEXICAIS DE CADA IDIOMA	13
2.2.1 RELAÇÃO ENTRE O LÉXICO E A PSICOLOGIA DE CADA NAÇÃO	14
2.2.2 EXEMPLOS DE TERMOS ESTRANGEIROS E A RELAÇÃO ENTRE SEU SIGNIFICADO UNIVERSAL E A PSICOLOGIA PARTICULAR DO PAÍS	15
CONCLUSÃO	18
REFERÊNCIAS.....	19

INTRODUÇÃO

A globalização, em todas as suas dimensões de ação, teve um papel evidente na integração de palavras estrangeiras no português do Brasil, começando no século XIX com a influência da *Belle Époque*.

Mas, tomando o sentido hodierno do problema lexical do estrangeirismo, seria necessário fazer uma composição de lugar¹ para entendê-lo melhor.

Imaginemo-nos, então, na seguinte cena: um estudante dos Estados Unidos viaja para o Brasil para fazer um intercâmbio educacional. James, que nunca comeu comida brasileira, leva um susto muito grande. Ele chega à casa da hospedeira, situada no capital baiana, Salvador. A Dona Lia preparou para o jantar de acolhida um prato típico baiano: vatapá com acarajé. O rapaz, estupefato, pensou: “Acara... *what?*”, mas comeu a iguaria!

No final de um ano cheio de experiências, convívios, talvez muito molho dendê também, podemos ponderar que o pupilo americano certamente aprendeu a língua de Camões. E a Dona Lia também teve seu aprendizado em inglês. Na semana seguinte, o nosso protagonista, sentindo falta da bondade e hospitalidade brasileiras, manda um e-mail para a estimada senhora, porém, ele não usa a típica expressão de nostalgia em inglês “*I miss you!*”, mas sim o singular “*Que saudades!*”.

Tal narração demonstra uma circunstância na qual a expressão inglesa não foi suficiente para exprimir o sentimento humano de lembranças. Assim podemos levantar a hipótese de que há palavras de determinados idiomas que possuem significados mais enfáticos do

¹ Composição de lugar, segundo Santo Inácio de Loyola na sua obra Exercícios Espirituais, é imaginar a cena que lhe é apresentada e mergulhar nela, a fim de participar de uma forma ativa da meditação.

que suas equivalentes em outras línguas. Eis o ponto de partida para este trabalho.

CAPÍTULO 1

Os vícios de linguagem

O termo latino *vitium* deu origem a nosso termo vício. Na maioria das línguas indo-europeias, o latim é um dos componentes que originam a raiz, o núcleo semântico na formação morfológica dos termos usados atualmente em cada idioma. O vício é um costume prejudicial, um defeito moral ou físico. A definição em latim é mais radical ainda, pois vincula o vício ao crime! (REZENDE; BIANCHET, p. 26).

“Os vícios são tão feios que, ainda enfeitados, não podem inteiramente dissimular a sua fealdade”, dizia o erudito Marquês de Maricá (SILVEIRA, 1958).

Tomemos o segundo sintagma, linguagem, cuja etimologia vem da língua occitana provençal *lenguatge*. Ela é a capacidade de comunicar ideais, sentimentos, impressões através dos signos convencionais (HOUAISS, 2009).

A lógica conclui: os dois sintagmas nominais “vício de linguagem” significam, então, um hábito deforme, um *crime* de comunicação.

Agora, segundo as normas gramaticais, o que seria propriamente um vício de linguagem?

1.1. Definição

A linguagem poderia se dividir em dois âmbitos, a discursiva e a escrita. Em outros termos, uma coisa é a linguagem nos livros, outra é na fala. Os erros flagrantes de gramática cometem-se em ambas as situações.

Os vícios de linguagem são aqueles “erros gramaticais” que cometemos, algumas vezes por descuido, outras por desconhecimento da gramática normativa².

Dentro da sintaxe, encontramos um exemplo de erro gramatical que transgredir as leis de concordância, regência e estruturação: o solecismo. Este equívoco consiste em uma incompreensão da sintaxe na oração, devido à má colocação das palavras ou à aplicação de normas de uma língua distinta da falada (Bechara, 1999, p. 598).

Evanildo Bechara nos dá alguns exemplos de solecismo:

1. Eu lhe abracei – em vez de *o abracei*.
2. A gente vamos – *a gente vai...*
3. Aluga-se casa – *alugam-se casas*.

É importa salientar que o solecismo tem seu papel nas figuras de linguagem – diferente dos vícios de linguagem, que se devem evitar –, já que favorece o texto com mais força de expressividade, de ênfase. A exceção confirma a regra.

1.2. Estrangeirismos

Dentre todos os vícios de linguagem, o estrangeirismo é o que tem mais relevância para o levantamento da hipótese inicial. Ele é, ao pé da letra, o uso de palavras estrangeiras quando existem outras vernáculas com sentidos equivalentes, desmerecendo assim a substituição da palavra já existente no vocabulário, por outra estrangeira. “É o emprego

² MELO, Priscila. **Vícios de linguagem**.

Disponível em: <<https://www.estudopratico.com.br/vicios-de-linguagem/>>

Acesso em: 12 jun. 2022

de palavras, expressões e construções alheias ao idioma que a ele chegam por empréstimos tomados de outra língua” (BECHARA, 1999).

A teoria dos estrangeirismos e dos empréstimos lexicais se dividem em duas categorias. Uma é a dos problemas semânticos e sintáticos que surgem com a mistura de uma variante linguística para outra. Por exemplo, no anglicismo, encontramos o erro sintático de anteposição do adjetivo ao seu substantivo, como indica Bechara, o Majestoso Hotel. A segunda são as palavras estrangeiras que foram incorporadas ao léxico e passaram por adaptações ortográficas e fonológicas para assemelhá-las ao português, como shampoo e xampu.

Embora haja alguns autores que fazem grande distinção entre os estrangeirismos e os empréstimos, há quem defende a tese da transmutação dos estrangeirismos para os empréstimos, já que todo estrangeirismo vira empréstimo quando é aportuguesado.

O termo *galope* veio dum empréstimo da palavra francesa *galop*; *musse* (do francês *mousse*) foi agregada ao elenco de termos forasteiros no século XX, embora a culinária brasileira a tenha conhecido antes (CUNHA, 2019).

No início do século XIX, o *palco* foi disputado pelo castelhano *tablado* – que curiosamente possui um significado mais abrangente do que “um estrado para destacar alguém”, como no português, mas o de “qualquer conjunto de tábuas”³.

Isto acrescenta provas à necessidade de expressão, embora estes termos não tenham nascido de uma espontaneidade de comunicação, mas pela interação multicultural, devida à tão em voga “globalização”. Com o estudo da agregação de palavras extramuros à língua portuguesa, ou os empréstimos, podemos levantar o véu das infindas possibilidades

³ **DICCIONARIO de la lengua española.** Real Academia Española. Disponível em: <<https://dle.rae.es/tablado?m=form>> Acesso em: 28 set. 2022.

que a mente humana pode desenvolver em matéria de criatividade e expressão.

Entretanto, para a hipótese deste trabalho, a grande disputa não está no campo da grafia, da pronúncia ou da etimologia. A problemática gira em torno da semântica e da pragmática. Levanta-se, assim, a seguinte pergunta: para que, então, o uso das palavras estrangeiras?

CAPÍTULO 2

O RECURSO DE PALAVRAS ESTRANGEIRAS ENQUANTO NECESSIDADE PARA ELOCUÇÃO, ENCONTRADO NOS PROLÓQUIOS DE DR. PLINIO CORRÊA DE OLIVEIRA

Como *a priori* foi mencionado, o estrangeirismo é o uso de uma palavra estrangeira à maneira de substituta de outra existente na língua falada. A comprovação de sua necessidade se constata na integração de palavras novas estrangeiras ao vocabulário vernáculo.

Porém, há uma forma de usar tais palavras que foge ao uso comum. Não se coaduna com as praxes de palavras cibernéticas do inglês como *download*, *enter*, *telemarketing*, na prática cotidiana, cujo uso é quase obrigatório na linguagem computacional, para não dizer em qualquer tipo de discurso. Não são as “palavras sem fronteiras” que se utilizam mundialmente nas terminologias técnicas. Nem sequer são daquelas que já foram integradas no Vocabulário Ortográfico Oficial (cap. I).

Trata-se de uma estratégia dos signos linguísticos, entre o *significado* e o *significante*. Nesse caso, a palavra estrangeira é o veículo *significado*, e a intenção por detrás, dentro de um determinado contexto propício para tal, é o *significante*. A locução estrangeira, portanto, terá sua razão de ser na transcendência de temas comuns para um patamar superior de pensamento. A exemplificação servir-se-á das obras de Dr. Plinio Corrêa de Oliveira.

2.1. O estrangeirismo ressalta significados metafóricos da linguagem

Para entender o estilo de Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, analisemos a seguinte frase onde faz uma descrição analógica a respeito do seu modo de falar:

Há uma língua portuguesa, talvez mais do que em outras línguas, o seguinte: existem dois portugueses, o português da linguagem cotidiana e o português de gala, para as grandes ocasiões. Por exemplo, falando para o mundo, emprego palavras de alta categoria, que constituem o que eu chamaria de português de gala, português de *smoking* ou de casaca. Conversando aqui, estou conversando como um pai com os filhos, evidentemente, é português de roupa cotidiana.⁴

A palavra inglesa *smoking* foi adotada na língua portuguesa e mantida na grafia original. O traje de cerimônia, o *smoking*, possui uma função morfológica adjetiva – ou como complemento nominal dentro da análise sintática – na frase: “português de *smoking*”, pois serviu-se de uma figura de linguagem, para dar a entender uma forma de comunicação para ocasiões de grande importância e que imporia um uso de linguagem superior ao modo cotidiano de falar, o “português de roupa cotidiana”, embora esse seja de uma grande intimidade, à maneira de um pai com seus filhos. O estrangeirismo empregado realça, então, o sentido metafórico.

2.2. A integridade dos significados dentro das singularidades lexicais de cada idioma

Dentro do linguajar “pliniano”, inteiramente posto no contexto brasileiro, encontramos várias palavras estrangeiras no seu vocabulário.

⁴ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. **O português do cotidiano**. São Paulo, 15 out. 1990. Palestra. (Arquivo ITTA-IFAT)

O vício de linguagem do estrangeirismo, como vimos antes, ocorre quando se cai no erro de substituir palavras que já existem na própria pela de outro variante linguístico; essa é grande disputa entre os linguistas – ou pelos menos da parte dos puristas (BECHARA, p. 600).

Ora, há palavras ditas em outras línguas cujos equivalentes no português não significam exatamente a mesma coisa, uma vez que cada povo tem as características próprias de suas vivências. Também a fonética de cada idioma pode influenciar o significado enfático de cada palavra, o modo de dizer coloquial; o sentido é mais “forte”, a despeito da tradução integral da palavra ter sido introduzida no léxico, com as adaptações necessárias feitas nos sufixos, seguindo as regras da estruturação gramatical da língua.

2.2.1 Relação entre o léxico e a psicologia de cada nação

Então, poderíamos conjecturar – apesar de não ser inteiramente legítimo o uso dele dentro do estrangeirismo, pois esta palavra possui uma tradução *ipsis litteris* em qualquer idioma – que o “não” em português possui uma sonoridade mais branda do que o “no” fechado, sem o til, do espanhol, dando à expressão negativa em espanhol uma “força” que talvez a tradução “não” não acarrete.

Observemos que, em português (ou, pelo menos, na maioria de seus dialetos, que são os falares regionais que temos aqui no Brasil), as sílabas pós-tônicas são pronunciadas muito debilmente. Nós quase “desmaiamos” nos finais das palavras, dos sintagmas e das sentenças. Os foneticistas dirão que isso tem a ver com a base de articulação do português brasileiro, que é afrouxada; já a base da pronúncia espanhola certamente é tensa. (GODOY, p. 143).

A psicologia do espanhol é toda feita de combatividade e heroísmos (CORRÊA DE OLIVEIRA, p. 183). Há uma relação entre a psicologia de um determinado povo e sua língua oficial? Deixemos uma ponta de trilho para futuros desenvolvimentos desse tema, com a seguinte consideração:

(...) a ligação entre pais e filhos é profunda, comportando uma grande dose de intimidade, mas também de dedicação. Se o filho comprova a força e a plenitude da abnegação paterna, e sobretudo materna, constituem-se uma solidariedade e uma continuidade que são a base do mando. Dr. Plinio considerava ser esse um traço comum entre o Brasil e Portugal. À diferença do espanhol, sempre mobilizado para a luta e disposto a enfrentar uma tragédia, o português, singelo, risonho e meigo, está muito mais “afeito à consideração das doçuras de sua vida de família, na suavidade de seus campos, no encanto de suas vilas, na formosura de suas cidades⁵.

2.2.2 Exemplos de termos estrangeiros e a relação entre seu significado universal e a psicologia particular do país

As músicas típicas nacionais demonstram muito os traços psicológicos de cada nação. O renomado Prof. Plinio Corrêa de Oliveira, ao comentar as músicas francesas natalinas, faz uma introdução a respeito da língua francesa, justificando desse modo o amplo emprego de palavras francesas em suas conversas e palestras.

A língua francesa está para essa cortesia como a partitura está para a música. Há uma polidez francesa que é o modo de ser amável, de se tornar agradável por aquilo que se diz, de modo

⁵ CLÁ DIAS, João Scognamiglio. **O dom de sabedoria na mente, vida e obra de Plinio Corrêa de Oliveira: “combati o bom combate”**. São Paulo: Instituto Lumen Sapientiae, 2016. p. 185

ultrapensado, mas muito leve. De maneira que a coisa pesadona, muito raciocinada que vem como um carretão não cabe no estilo francês, o qual é leve, distinto, e procura dar a impressão de que o pensamento nasceu naquele momento⁶.

Nessa conferência muito analítica, continua ele com a leitura de várias músicas em francês, entre elas uma que utiliza a palavra *charmant* para qualificar Jesus Infante. Porém, sua tradução em português “encantador”, não possui a mesma função semântica que a palavra francesa, pois seria preciso conceber o charme⁷, o charmoso, segundo as elegâncias e belezas que a civilização francesa proporcionava, como na época da Belle Époque⁸.

Observa-se a utilização do estrangeirismo na seguinte consideração teológica:

Segundo um conceito corrente de charme, este se opõe à seriedade, pois é aplicado a seres que, em geral, nos fazem sorrir. São mais miúdos, engraçadinhos e têm uma forma pequena de perfeição que desperta um pouco de compaixão, de ternura, de vontade de proteger e, de outro lado, embevece. Tomando a palavra *charme* nesse sentido, Deus é *charmant*? *Charme* é uma qualidade. Logo, em Deus deve haver *charme*, porém não com essa conotação que sugere limitação.

As palavras inglesas também se incorporavam nas considerações do mesmo autor. Por exemplo, a palavra *feeling* possui uma simplicidade muito acolhedora enquanto substantivo, pois não se delimita a uma simples sensibilidade, mas abarca significados como as susceptibilidades

⁶ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. **Músicas natalinas francesas**. Revista Dr. Plínio. Ano 22, Nº 261. Retornarei, São Paulo, Brasil, 2019, p. 10

⁷ Palavra integrada ao vocabulário português no século XX, derivada do francês. (CUNHA, p. 146)

⁸ Op. Cit., p. 11.

humanas, os pressentimentos que nos sobrevêm e, neste caso a seguir, nos sextos sentidos, isto é, a percepção de algo que vai além do físico.

Ela possuía, de fato, um *feeling* profundo da transcendência das coisas, que não sei bem se não era um sentir do sobrenatural, o qual chamava a atenção dela cotidianamente e dentro do qual ela vivia imersa.⁹

Sendo o português uma língua muito rica, a palavra *feeling* se poderia traduzir em muitas palavras como pressentimento, sentimentos, sensibilidade, impressão; na função adjetiva, se entende *feeling* por alguém sensível e afetivo, à maneira de comover o próximo. Aqui o autor emprega um termo sintetizador, que resume em si muitos significados, mas que ressalta o matiz de sensibilidade relacionada à metafísica.

⁹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. **Dona Lucília e a questão R-CR**. Revista Dr. Plínio. Ano 14, Nº 158. Retornarei, São Paulo, Brasil, 2011, p. 6.

CONCLUSÃO

“Há bastante luz para que o homem que realmente queira ver a verdade a veja; mas há bastante sombra para que o homem que não a queira ver não a veja”. A frase de Blaise Pascal a respeito da religião, similarmente se adapta ao estudo feito nesse trabalho, pois as hipóteses dentro dos possíveis da linguística motivaram grandes pesquisas e trabalhos ao longo dos séculos. Quanto à realidade dos estrangeirismos, é uma polêmica, pois vimos o subjetivismo que o engloba, dentro de sua desenvoltura. Vimos as adaptações lexicais que houve na gramática por causa dessas palavras estrangeiras; a integração delas por necessidade de comunicação; a pulcritude *sui generis* de seu emprego em circunstâncias apropriadas.

Para alguns, ele é um vício que mancha a pureza da linguagem vernácula (BECHARA, p. 599); para outros, é uma forma de expressão requintada, que será bem empregada na medida em que interlocutor ou público estiverem iniciados no assunto (BECHARA, documento on-line).

Sem embargo, podemos concluir que para a elocução ele pode ser muito proveitoso, usando-o na medida exata, sem violar as regras da integridade lexical como a substituição de uma palavra equivalente, nem apelar à supressão das expressões forasteiras, vendo-as como nocivas.

Dada a qualidade inovadora da linguística, este trabalho é apenas uma ponta de trilho para futuros desdobramentos e aprofundamentos dentro do vastíssimo tópico dos estrangeirismos. “A língua é dinâmica e, por isso mesmo, precisa ser aperfeiçoada a cada instante”. (Niskier, documento on-line).

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

_____. **Novas janelas que se abrem para a língua**. Disponível em: <<academia.org.br>> Acesso em: 12 out. 2022.

_____. **Renovação da língua**. Disponível em: <<academia.org.br>> Acesso em: 12 out. 2022.

BRAGA BIANCHET, Sandra; MARTINEZ DE REZENDE, Antônio. **Dicionário do latim essencial**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

CLÁ DIAS, João Scognamiglio. **O dom de sabedoria na mente, vida e obra de Plínio Corrêa de Oliveira: “combati o bom combate”**. São Paulo: Instituto Lumen Sapientiae, 2016.

CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. **O português do cotidiano**. São Paulo, 15 out. 1990. Palestra. (Arquivo ITTA-IFAT)

_____. **Músicas natalinas francesas**. Revista Dr. Plínio. Ano 22, Nº 261. Retornarei, São Paulo, Brasil, 2019.

_____. **Dona Lucilia e a questão R-CR**. Revista Dr. Plínio. Ano 14, Nº 158. Retornarei, São Paulo, Brasil, 2011.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa (recurso eletrônico)**. 4 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

DICCIONARIO de la lengua española. Real Academia Española. Disponível em: <<https://dle.rae.es/tablado?m=form>> Acesso em: 28 set. 2022

DA SILVEIRA, SOUSA. **Máximas do Marquês de Maricá**, ed. anotada por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

FERREIRA, Marcelo; LOPES, Marcos. **Para conhecer a linguística computacional**. São Paulo: Contexto, 2019.

GODOY, Elena. **Para Entender a Versificação Espanhola... e gostar dela (livro eletrônico)**. Curitiba: InterSaberes, 2013.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss eletrônico de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, jun. 2009.

LACERDO, Roberto et al. Dicionário de provérbios: francês, português, inglês. 2 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

MELO, Priscila. **Vícios de linguagem**. Disponível em: <<<https://www.estudopratico.com.br/vicios-de-linguagem/>>> Acesso em: 12 jun. 2022

NISKIER, Antônio. **Novas palavras no VOLP**. Disponível em: <<academia.org.br>> Acesso em: 12 out. 2022

CAMPOS, Cláudia; ARAUJO, André. **Semiótica**. Porto Alegre: SAGAH, 2017.

SEQUERRA, Lucia. **Cozinha Brasileira**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2018.

SQUARISI, Dad; CUNHA, Paulo José. **1001 DICAS DE PORTUGUÊS: MANUAL DESCOMPLICADO**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2015.